

30-11-2022

Em oposição à morte simbólica

Annibal Coelho de Amorim

[Médico de Saúde Pública. Pesquisador IdeiaSUS]

Ainda agora uma arquiteta do universo falava comigo ao telefone e eu, que reconheço vozes à distância, não sabia com quem falava até que ela disse a palavra mágica: *Capella*.

Essa arquiteta, desenha e redesenha o desalinho de meus textos e conta com um editor de “pessoas-como-textos”, seu amigo e nosso fiel escudeiro opinativo, o fadelíssimo, que tal Don Quixote cavalga nos versos e literaturas dando sabores às acontecimentos que nos cercam. Esse diálogo telefônico, a princípio intrigante, revelou para mim o desejo de escrever algo sobre o dia de ontem, o de hoje e, mais particularmente, os de amanhã. “*O que será o amanhã, pergunte a quem quiser, o que irá acontecer, o meu destino será o que Deus quiser*”, dizia letra memorável de um samba* inesquecível. E olha que este que lhes escreve é mais chegado a Beatles e Pink Floyd.

Pois bem, falei para a “arquiteta do universo” (que serviu de inspiração para Raul Seixas), que eu desejava escrever algo e ela me falou “então escreve...” e aqui estou. Hoje, noite de 31/10/22, um dia após o que parece ser o “Big Bang” ou o “Armagedom” de um país chamado Brasil, muitos estão ainda extasiados de alegria porque “*o dia nasceu feliz*”. Eu, exilado de *Capella*, vidas atrás não tinha a vaga ideia que seria “duas vezes tricampeão na mesma semana”, a primeira com o manto rubro-negro, e na segunda, “tomando um porre de felicidade” (logo eu que não bebo uma gota de álcool) acompanhando a magnética vitória na prorrogação eleitoral. O destino me sorriu duas vezes e, fazendo compras sob uma chuva pesada (rios de lágrimas fascistas), encontrei uma pessoa usando ainda um adesivo do “vamos juntos”, no momento em que “almas desgarradas do universo paralelo” se contorcem e bloqueiam as rodovias. Que cenário excêntrico! Num dia policiais embarçam as cartas pensando atrapalhar a votação e, no dia seguinte, com a “finesse” de um salão francês, fazem sala para o choro desassossegado de caminhoneiros enlutados. Eu, expulso de *Capella*, vim para esse teclado apoiado em texto de Vladimir Safatle (“*Que os mortos tenham direito de votar*”), preparado para honrar os quase 700 mil brasileiros(as) que infelizmente não tiveram o direito de votar. As razões são fáceis de adivinhar. E vocês, opinadores astutos, me perguntariam: “ *você agora faz pesquisa eleitoral?*”

Desculpem senhores(as), jovens e mancebos cambaleantes que ainda festejam a “totalização de ontem à noite”.

Eu, expulso de *Capella*, me ateno aqueles que foram impedidos de votar e que, por um lado ou por outro, poderiam ter contribuído para “o ranger de dentes d’agora”. Ou, de forma mais saborosa, faz compra no “supermercado da vida” ainda com o adesivo “vamos juntos”. Mas vou lhes matar a curiosidade, pois que estou enlutado profunda e sinceramente pelos que deixaram de apertar o “confirma”. Estive a estudo e trabalho em Hiroshima, vi com “esses olhos de meu Deus” o horror da(s) guerra(s) e deploro qualquer ato de “genocídio”, de morte da vida, e, segundo Safatle, também da “*morte da morte*”. Safatle, baseado em Lacan, afirma que matar a morte representa que o luto possa impedir a morte. Isso configura uma morte simbólica que ainda hoje vaga entre nós. Ela não está perdida não, ela está em cada lar, em cada ser, que carrega o peito cheio de dor, porque não pode honrar seus parentes, amigos, colegas, filhos/as. Eles, todos eles, vagam aqui e ali, como se a cada dia fossem “mortos pela segunda vez”, seja pela imitação farsesca de quem “não tem oxigênio”, ou pela “abstenção de 700 mil votos” não registrados na urna eletrônica. Não estou pensando em quem votariam mas que seus “votos continuam sendo mortos” porque não foram pranteados adequadamente. Eu, exilado de *Capella*, ingresso em outra campanha. No Japão, no dia e hora em que as bombas atômicas destruíram Hiroshima e Nagasaki, todo o povo de forma sincera e fraternal interrompe toda e qualquer atividade e, em profundo silêncio, de cabeça inclinada olhando para o chão (no metrô, nas ruas, nos shoppings, nos templos, bares e vielas) pensam nos “que se foram em questões de segundos”. Por esse motivo me oponho à morte simbólica destas quase 700 mil pessoas, que foram abandonadas à própria sorte e precisam de uma data. Uma cerimônia coletiva onde se faça presente o gesto de empatia e respeito que faltou às autoridades, emergindo dos corações enlutados dos que se negam a aceitar o destino que lhes foi imposto, de serem “corpos sem memória”. Deixados ao largo por aqueles que não podem, em nosso caso, estar vivos para exercerem os seus votos. Segundo Safatle: “*há momentos em que uma eleição é o gesto derradeiro de uma sociedade que usará da força de seus mortos para forçar as portas cerradas do futuro.*” ... Esses três pontos antes da frase representam, se me permitem, uma licença poética, como se juntos estivéssemos exigindo que o Governo Federal, democraticamente eleito, assuma o compromisso de lutar contra a “morte simbólica” que foi decretada, para que, mesmo em profundo silêncio, possamos lutar para “*que os mortos tenham o direito de votar*”... ■■■

* “*O Amanhã*” (Compositores: João Sérgio e Didi – pseudônimo do Procurador Gustavo Adolfo de Carvalho Baeta Neves).

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.